



RESENHA

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. 2021. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. wanderson flor do nascimento. - 1. ed - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

Hannah Lima Alcantara de Vasconcellos

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9262-5109>

Email: hannahdevasconcellos@gmail.com

A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero (2021), de Oyèrónkẹ́ Oyèwùmí, “procura documentar por que e como o gênero veio a ser construído na sociedade iorubá” (:18). Resenhas da obra que já têm sido publicadas focam em sua importância para a reorientação dos estudos sobre sexo e gênero, sobretudo nas áreas de antropologia e sociologia (Viveros-Vigoya 2018; Nascimento 2019; Barbosa 2022; Lermen 2022). Proponho aqui abordar esta e simultaneamente outra importante contribuição do livro: sua abordagem metodológica que, acredito, é essencial para pesquisadores de todas as áreas.

Considerando a proposição de Oyèwùmí de ressaltar as conexões entre identidade social e pesquisa (:24), importa dizer que ela é mãe, nigeriana de origem iorubá, e seu pai é *Şòún*, de Ògbòmòsò, cidade da atual Nigéria, na região de

Oyó-Iorubá. *Şòún* foi traduzido como “monarca” no livro, o que nos dá ideia do seu lugar social. Desde os 16 anos, a autora vive com sua família no *ààfin Şòún*, um palácio em Ògbòmòsò. *Oyèwùmí* é cientista política, socióloga, professora na Stony Brook University, no estado de Nova Iorque. Seu trabalho é interdisciplinar, com foco na sociologia do conhecimento a partir de perspectivas africanas.

A autora provoca uma virada no debate em torno dos métodos de pesquisa na sociologia e na antropologia ao apontar erros metodológicos nos estudos africanos. Seu trabalho demonstra a gravidade desses erros através da exposição das suas consequências nas dinâmicas sociais de Iorubalândia, uma larga região do continente, que compreende parte da Nigéria, Togo e Benim. A inovadora metodologia de *A invenção das mulheres* é um conjunto de escolhas da autora para demonstrar que gênero não existia na Iorubalândia antes da colonização, investigando os porquês, os como e as consequências da inserção desta categoria. Logo no início do livro, a autora revê sua proposta inicial de estudar gênero na região Iorubá porque percebe que, para isso, teria que escrever a história dos discursos de gênero nos estudos africanos. As sociedades africanas estiveram sob o jugo ocidental até o início do século XX – e assim permanecem até hoje através de outras estratégias de subjugação –, não apenas no sentido político, mas também no “domínio contínuo do Ocidente” sobre a “produção do conhecimento” (:17).

Por meio de um exaustivo levantamento bibliográfico, Oyèwùmí analisa as metodologias usadas, apontando seus erros e suas consequências. Esse esforço perpassa também as tradições orais iorubás, como *orikis*, assim como histórias, dados e entrevistas produzidos ao longo de seu extenso trabalho de campo. O diálogo com outros autores é feito através de uma “concepção africana clássica do indivíduo em relação à comunidade” (:214). A expressão “somos, logo existo” sintetiza a metodologia usada pela autora ao longo da pesquisa para apontar equívocos metodológicos de pesquisadores ocidentais e africanos em diferentes tempos históricos. Oyèwùmí nos ensina a articular conceitos e obras sem cair na tentação de “jogar fora a criança com a água do banho”. “Pesquisas ‘inestimáveis’ podem errar em vários níveis de gravidade, ainda que continuem sendo fundamentais e úteis para o pensamento científico (:167).

A *invenção das mulheres* é resultado da tese de Oyèwùmí, defendida em 1993 na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Para ler a obra, publicada em 1997 e traduzida tardiamente em português (2021), é preciso levar em conta seu tempo histórico. Focos de sua análise, os estudos feministas e de gênero avançaram muito nesses quase trinta anos. Isto não faz do livro uma obra datada. Pelo contrário, os ensinamentos de seu “esforço arqueológico” (:15) fazem, em meu conceito, que o livro mereça um lugar entre os clássicos da antropologia feminista e de gênero. A autora destaca que pesquisas anteriores estavam concentradas em refutar a percepção euro-estadunidense-cêntrica de que todas as organizações sociais, inclusive a iorubá, são patriarcais e subjugam o sexo-gênero feminino. Oyèwùmí inova ao produzir uma via inédita à época e incomum ainda hoje: antes de tudo, não há – e nunca

houve – “gênero”. Nesta perspectiva, demonstrada de forma metodologicamente contundente, compreendemos as transformações sócio-históricas sofridas por uma sociedade que foi subjugada pela colonização. Para pesquisá-la, é preciso considerar esse processo, sem cristalizar suas dinâmicas sociais no Estado colonial e pós-colonial.

A tese que deu origem ao livro teve como título *Mothers, not Women: Making an African sense of Western Gender Discourses* [Mães, não mulheres: dando um sentido africano aos discursos de gênero ocidentais] (tradução minha). O enfoque na categoria “mãe” é uma pista da principal estratégia argumentativa usada por Oyèwùmí. Antes da colonização ocidental, a organização social iorubá era centrada na criança como razão de ser da existência humana. Procriar era de suma importância e o principal motivo para a união de famílias através do casamento.

Os termos de parentesco da Iorubalândia, como *iyá* (mãe), são usados pela autora para sustentar seu argumento central de que gênero era uma categoria estranha à concepção iorubá antes da invasão colonial, acontecida no início do século XIX (:18). Por meio de revisões críticas da literatura sobre os povos iorubás e de pesquisas imersas na oralidade local, Oyèwùmí demonstra que a Iorubalândia não vivia sob uma “bio-lógica” (:16), ou seja, categorias sociais, como as de parentesco, entre outras, não se baseavam em tipos de corpos. Portanto, “gênero”, que ainda é fortemente ligado à biologia corporal, não era um elemento decisivo na organização e na hierarquização dos papéis sociais. O princípio da senioridade é o fundamental: o poder estava associado às pessoas mais velhas, numa dinâmica que estruturava a sociedade iorubá.

Como e por que as mudanças em relação ao gênero foram provocadas? A

autora defende que a mudança epistemológica foi provocada pelo "domínio ocidental nos estudos africanos" (:17), em especial através da inserção das categorias de gênero na linguagem e, consequentemente, nos modos de vida iorubás (:15). O uso das palavras *m̃* (madame), *s̃* (senhor), *br̃d̃á* (parente masculino mais velho) e *sist̃á* (parente feminina mais velha) "nas partes mais remotas da Iorubalândia hoje, mesmo entre as pessoas falantes monolíngues iorubás" (:240), é um exemplo de como a linguagem apreende e é apreendida pelas dinâmicas sociais. O uso de palavras derivadas da língua do colonizador revela que, a partir da dominação ocidental, não há apenas uma mudança na fala local, mas também na lógica da organização social. Esse achado de pesquisa é o que motiva o projeto de documentar a inserção da ideia de gênero na sociedade iorubá e analisá-la sob a ótica da sociologia do conhecimento.

Oyĕwùmí encara a base epistemológica desse universo cultural não apenas como mulher negra africana e nigeriana. A compreensão *correta* sobre a sociedade iorubá não passa pelo leite materno (:60). Esta compreensão é feita a partir da *resistência* da autora em não ser cooptada pelo "como-fazer" dos estudos africanos, mesmo quando elaborados por pessoas de África. Ênfase a resistência porque boa parte dessas pesquisas foi realizada em universidades dos Estados Unidos e da Europa. Oyĕwùmí graduou-se na Universidade de Ibadan (Oyo, Nigéria) e continuou seus estudos fora de África, se pós-graduando na Universidade de Berkeley (Califórnia, EUA) e permanecendo como docente nos EUA.

Nascida em uma Iorubalândia já violentamente transformada pela colonização britânica, acontecida institucionalmente entre 1862 e 1960 (:18), a autora precisou questionar e amadurecer seu

pensamento científico, já influenciado pelo modo ocidental de fazer ciência. Foi fundamental perceber que a categoria "mulher", baseada na construção do conceito de gênero no pensamento ocidental, não existia na sociedade iorubá antes da ocupação perpetrada pelo Ocidente. Algo na sua trajetória acadêmica e pessoal ofereceu a ela a possibilidade de resistir à cooptação ocidental que parece estar sempre disponível para ser usufruída.

A resistência de Oyĕwùmí se deve à sua visão aguçada, às suas escolhas metodológicas e ao seu profundo conhecimento sobre a Iorubalândia antes da colonização. O palácio em que ela foi criada é organizador da estrutura física e social da cidade, e por onde circula "um fluxo constante de pessoas da cidade [...] que trazem suas várias histórias" (:24). Ela também nos conta que passou muito tempo com sua mãe, Ìgbàyílolá, a *lori* (traduzida como esposa real de mais idade, ou seja, a que detinha mais poder). Essa convivência, assim como com sua numerosa família, fruto da poligamia, deu-lhe acesso a uma ativa cultura dos modos de vida iorubás, em seus aspectos pessoais e públicos. Essa intimidade foi indispensável para seu argumento central, e também para a metodologia que possibilitou a construção de tal argumento. Com esse arcabouço, Oyĕwùmí pôde traçar uma importante fronteira epistemológica entre a Iorubalândia antes e depois de sofrer colonização.

A virada que *A invenção das mulheres* provoca na agitação científica em torno das metodologias antropológicas é angular. É bem documentado que a relação pesquisador-interlocutor e os encontros entre culturas são centrais para pensar o fazer na antropologia. A angularidade dessa virada está na sinalização da importância da reflexão do pesquisador consigo mesmo, no sentido de vigiar

sua própria (in)capacidade de cumprir o que deseja ou acredita ser ético, justo e respeitoso. Oyèwùmí usa os conceitos de invenção, distorção e suposição para expor o movimento feito pelas pesquisas que inserem um viés generificado na sociedade iorubá. Linguagem, educação, trabalho, casamento, terra e comércio são alguns dos pontos da organização social da Iorubalândia em que ela se debruça para revelar esse processo.

Por todo o livro, Oyèwùmí demonstra seu extenso trabalho de levantamento bibliográfico ao usar inúmeras pesquisas dos estudos africanos para apontar erros metodológicos que foram cruciais para uma leitura *equivocada* da cultura iorubá, o que contribuiu para a imputação de concepções ocidentais nessa sociedade. No capítulo 3, destaca-se Karin Barber, antropóloga britânica, pesquisadora das tradições orais iorubás. Estudando *oriki* (poesia oral de louvor), Barber acerta na percepção de que "o mundo iorubá não é dicotomizado em masculino e feminino" (:165). No entanto, comete um erro metodológico, Oyèwùmí diz, insistindo no uso de "teorias de segunda mão" (:48) e concluindo erroneamente que há *orikis* de homens e de mulheres. Como aponta-

do pela autora, há vários tipos de *orikis* e nenhum deles está ligado a gênero (:48).

Barber caiu no que podemos chamar de armadilha ocidental, que é o risco que pesquisadores do umbigo do mundo correm, mesmo quando conscientes das assimetrias de poder, de se verem reprodutores daquilo que criticam. A armadilha ocidental é como um olhar convidativo ao abismo; quem salta foi seduzido ou distraído pela certeza de que se é universal, o protótipo perfeito da humanidade. Oyèwùmí enfatiza que pesquisadores africanos e não africanos devem cultivar seus conhecimentos sobre África ao produzirem estudos africanos. Sua pesquisa e sua abordagem metodológica são uma referência não só para os estudos africanos, mas também para a antropologia como um todo.

A Invenção das Mulheres é um dedo em riste em direção ao Ocidente. Este "livro sem fim" (:265) é também um manual de reorientação metodológica que coloca "perguntas fundamentais de primeira ordem" (:261) como parte das pesquisas antropológicas. A obra de Oyèwùmí completa vinte e cinco anos e segue sendo atemporal pela expansão que provoca no pensamento científico.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Laura Gomes. 2022. "O gênero, assim como a beleza, está nos olhos de quem vê". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 3, e90155.
- LERMEN, Nathan. 2022. "Oyèrónké' Oyèwùmí e a construção do gênero na iorubalândia". *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, 19 (1):662- 667.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. 2019. "Oyèrónké Oyèwùmí. Potências filosóficas de uma reflexão". *Problemata – Revista Internacional de Filosofia*, v. 10.
- VIVEROS-VIGOYA, Mara. 2018. "Oyèwùmí, Oyèrónké (2017). La invención de las mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: en la frontera". *LiminaR*, v. 16, n. 1:203-206.